



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CEB DE LOUSADA

“O que há em mim é sobretudo cansaço” Álvaro de Campos

3.ª fase: O intimismo (fase abúlica)

N.B.: A poesia desta fase – a chamada fase intimista – caracteriza-se entre outros aspectos, pela recusa da identificação com os outros, pelo isolamento e pela solidão voluntários, pelo cansaço, pelo tédio, pela náusea. É isto que está presente neste poema “O que há em mim é sobretudo cansaço”.

1. Divisão do texto nas suas partes lógicas:

Podemos dividir este poema em 4 partes, correspondendo cada parte a cada uma das estrofes.

- **1.ª parte** (1.ª estrofe) o sujeito poético afirma que o que domina a sua vida é o cansaço, um cansaço sem uma origem ou causa bem definida;
- **2.ª parte** (2.ª estrofe) embora muito abstractamente, o “eu” poético tenta explicar a origem desse cansaço: as “sensações inúteis”, “as paixões violentas por coisa nenhuma”, “os amores intensos por o suposto em alguém” (isto é, pelas qualidades que ele supôs em alguém, mas depois o desiludiram);
- **3.ª parte** (3.ª estrofe) o sujeito poético estabelece a comparação do seu ideal de vida com três tipos de ideais de vida (amar o infinito, amar o impossível e não amar nada). Demarca-se de cada um deles, dizendo que:
 - ama infinitamente o finito;
 - deseja impossivelmente o possível;
 - quer tudo ou um pouco mais se puder ser ou até se não puder ser.
- **4.ª parte** (4.ª estrofe) surgem, logicamente, as consequências para os três idealistas diferentes dele e para ele próprio.
 - a) Para cada um deles:
 - “a vida vivida ou sonhada”;
 - “o sonho sonhado ou vivido”;
 - “a média entre tudo e o nada, isto é, isto...”
 - b) Para ele: “um supremíssimo cansaço”

2. Origem ou causa do cansaço do sujeito poético

Os idealistas de que nos fala o poema vivem, cada um à sua maneira, sem ultrapassarem os limites impostos ao homem (ou seja, mesmo aspirando ao infinito, ou ao impossível, eram sempre tranquilizados pela esperança de o conseguirem).

Em contrapartida, o sujeito poético, embora desejando o *possível* e o *finito*, desejava-os fora dos limites humanos – procurava sensações brutais.

Enquanto Alberto Caeiro se contentava com as sensações moderadas da Natureza,



Álvaro de Campos quis *amar tudo de todas as maneiras*, ultrapassando os limites impostos aos homens.

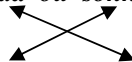


O seu castigo foi o *enormíssimo cansaço*. Portanto, este seu cansaço é fruto de um *sensacionismo desmedido*.

3. Processos estilísticos mais relevantes

- A **repetição** da palavra “*cansaço*”, palavra que, aliás, está presente no início e no fim do poema, mostra que o **cansaço** é o tema fundamental deste poema.
- A **repetição** de “*íssimo*” (v. 29), correspondendo à repetição de *supremíssimo*, serve para **hiperbolizar** a intensidade do cansaço.
- As **construções anafóricas** (v. 9 e 10; 14, 15 e 16; 18, 19 e 20; 23, 24, 25 e 26) realçam construções paralelísticas por vezes de natureza antitética.
- A gradação das formas verbais – *ame, deseje e queira* (vv. 14, 15 e 16) – e as correspondentes *amo, desejo e quero* (vv. 18, 19 e 20) – permite distinguir não só os três ideários uns dos outros, mas também os três, em conjunto, do sujeito poético.
- O determinante indefinido *um* (v.28) está associado a todas as palavras dos últimos 3 versos do poema, conferindo ao cansaço uma indeterminação, que aliás foi assumida já na 1.ª estrofe.
- A expressividade dos advérbios de modo *eternamente* (v. 10), *infinitamente* (v.18), *impossivelmente* (v.19), sempre com um intuito hiperbolizante.
- União da hipérbole com o paradoxo em *infinitamente o finito e impossivelmente o possível*.
- Expressividade dos vv. 23 e 24, que além de conterem a **anáfora**, são ainda enriquecidos com o **quiasmo**:

vida vivida ou sonhada



sonho sonhado ou vivido

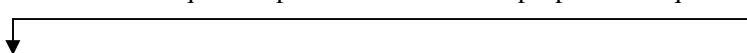
4. Explicitação da antítese vivencial contida no poema

Estilo de vida do sujeito lírico vs estilo de vida das outras pessoas

Os três idealistas, aos quais o sujeito poético opõe o seu ideal de vida, são pessoas, que, quer ambicionem coisas no limite do infinito ou do impossível, quer se reduzam a uma vida sem ambições (vivendo apenas como podem), vivem naturalmente segundo os seus sonhos ou desejos, mantendo uma certa tranquilidade vivencial.

Pelo contrário, o sujeito poético, embora ame o finito, deseje o possível e queira tudo o que é contingente (incerto, duvidoso), ama, deseja e quer sem medida: só se satisfaz com sensações desmedidas, brutais. Daí o seu imenso cansaço, a sua infelicidade. Enquanto os outros podem mesmo aspirar ao infinito e ao impossível, mas à sua maneira finita e contingente, sem perderem a tranquilidade, o sujeito lírico, aspirando apenas ao contingente, aspira a ele sem medida (infinitamente e impossivelmente).

Poder-se-á concluir que este poema se baseia num propositado equívoco filosófico:



O sujeito poético, que é materialista e aceita apenas o que é finito e possível, deseja-o infinitamente, como se desejasse o sobrenatural, o eterno, o imenso.



Apesar das sensações serem, por sua própria natureza, limitadas, contingentes, o sujeito lírico quer captar nelas o infinito, mas nunca o poderá conseguir,



daí o seu interminável cansaço.